

ESTRATÉGIAS DE INTRODUÇÃO DO REFERENTE GOVERNO NA CANÇÃO ENGAJADA NACIONALISTA

Milton Francisco da Silva *

ABSTRACT: *Our aim in this paper is to analyze the strategies used to introduce the referent in 1960's and 70's songs and 1980's rock songs, in Brazil. We assume the social historical context – the military dictatorship period and after it – as determining the preference in the referential strategy adopted. We consider that the 1960's and 70's songs make use of strategies that do not explicit the referent “government”, whereas the rock songs do just the opposite. We analyze the referent as a discourse object, having a text-cognitive existence.*

Considerações iniciais¹

Este trabalho se situa na interface da Lingüística de Texto com a História Cultural, ao lançarmos mão da referenciação textual e da *canção engajada nacionalista* produzida no contexto da ditadura e pós-ditadura militar: canção de esquerda dos anos 1960-70 e *rock* dos anos 1980.

O mote deste estudo é a hipótese de que cada tipo de texto (falado ou escrito) tem estratégias/formas de referência preferenciais para designar e construir o referente². A partir de Mondada e Dubois (1995) entendemos o referente como *objeto de discurso*, construído no texto colaborativamente mediante visão subjetiva e pública que os indivíduos têm do mundo, de modo que o referente é de existência

* Mestre em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Agradeço à Profa. Iara Bemquerer Costa, do Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal do Paraná, pelas aulas e pela indicação de leituras em Lingüística de Texto. Agradeço também ao Prof. Alberto Gonçalves, do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina, pelas discussões e contribuições acerca da música brasileira que muito fomentaram este estudo. As falhas e equívocos que aqui se mantêm são de minha inteira responsabilidade.

² Para essa hipótese, apoiamos em Marcuschi (1998), que faz uma reflexão sobre estratégias anafóricas e seus empregos em diferentes tipos de texto.

textual-cognitiva, sem estabelecer necessariamente relação de identidade com os objetos do mundo.

Aqui, nosso objetivo limita-se a identificar as estratégias utilizadas pelo compositor de *canção engajada nacionalista* ao introduzir (ativar) o referente *governo* (políticos, censores, militares, ditadores). Voltando-se para esse eixo refletiremos sobre a relação entre as estratégias preferenciais empregadas e o contexto sócio-histórico da ditadura e pós-ditadura militar.

O presente trabalho é parte de um projeto em desenvolvimento sobre música popular produzida no contexto da ditadura e pós-ditadura no Brasil, o qual situa-se na interface da História Cultural e dos postulados de Bakhtin/ Voloshinov sobre o Discurso e a Arte.

A canção engajada nacionalista como texto

A concepção de texto assumida aqui não se limita a considerá-lo pelos elementos lingüísticos expressos nem como objeto produzido pela autonomia e subjetividade do falante/autor. Mas sim, considera-o como entidade construída nas relações sociais, por elementos lingüísticos, por fatores sociais, políticos, culturais e históricos (conforme postulados de Bakhtin/Voloshinov), pela negociação dos interlocutores, pelo modo de veiculação e repercussão do texto. Essa concepção comporta, portanto, a *canção engajada nacionalista* como um tipo de texto: gerado nas relações entre o governo e a “sociedade brasileira”, a partir da situação de repressão militar, da vontade de os artistas se manifestarem contra o governo para um público/ouvinte predisposto a ouvi-los, da negociação (de encontro e confronto) entre compositor, ouvinte e *governo*.

Não estamos reduzindo a entidade canção a seu aspecto lingüístico ou poético ou social, mas sim, ampliando a entidade texto. Processo em que a canção é o foco, e que deve ser tratado de modo particular, porque, “cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira”, conforme argumentação de Bakhtin/Voloshinov (1992, p.33).

Quanto à complexidade e amplitude da canção, vale a observação de Moraes (2000, p.211): “o que denominamos música [...], pressupõe condições históricas especiais que na realidade criam e instituem as relações entre som, criação musical, instrumentista e o consu-

midor/receptor". Por sua vez, Napolitano (2002, p.96) ressalta que "uma canção, estruturalmente, opera com séries de linguagens (música, poesia) e implica em séries informativas (sociológicas, históricas, biográficas, estéticas)". Isto é, a canção se constitui da linguagem musical e da verbal, sendo ambas perpassadas por informações extracanção oriundas do contexto sócio-histórico, da formação musical e ideológica do compositor (do arranjador e do intérprete), da evolução estético-musical que compõe a música brasileira. Napolitano (p.96) ainda alerta que

a canção vai além de todas estas linguagens e informações específicas, realizando-se como um artefato cultural que não é nem música, nem poesia (nos sentidos tradicionais), nem pode ser reduzida a um reflexo singular da totalidade que a gerou (da sociedade, da história, do autor ou do estilo musical).

Frente ao conceito de canção, certamente a abordagem adequada é a interdisciplinar, embora com a aceitabilidade de que cada pesquisador observe a canção pelo prisma de sua especialidade. Nosso procedimento, portanto, não é desvendar a complexidade da canção ou examinar as relações entre seus componentes exaustivamente, mas sim, refletir acerca de um aspecto referencial que compõe o texto-canção, da perspectiva da Linguística de Texto, procurando não proceder de modo reducionista.

Como *canção engajada nacionalista* nomeamos as canções que servirão de análise conforme o contexto sócio-histórico (durante a ditadura militar e pós-ditadura) em que se inserem. Por razões didáticas sob esse nome consideramos tanto as canções de esquerda das décadas de 1960-70 (sobremaneira censuradas pelo governo de então) quanto as canções de *rock* da década de 1980. Ambas, em geral, influenciadas pelas idéias revolucionárias dos ambientes universitários daquele momento.

O contexto sócio-histórico (que tem como centro o governo militar, a repressão e a censura) é um dos tópicos fundamentais na realização desta pesquisa, devido à postura interdisciplinar que assumimos.

Conforme Bakhtin/Voloshinov (1992, p.106), "o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis". A partir desse aspecto de unicidade-singularidade do uso das palavras, as indicações são de que o contexto diz respeito à fugacidade do *aqui-agora*, ou seja, às condições e fatores temporais, espaciais e sociais que

envolvem os interlocutores e o texto. Assim, para o desenvolvimento deste estudo, o contexto – da ditadura/censura ou pós-ditadura – é o espaço das ruas, dos espetáculos artísticos, da redação e da leitura jornalística, é o controle da polícia e dos censores, o temor dos brasileiros, a ação e a não-ação da população, é a aura que paira e que “agride” sobretudo quem se opõem ao governo militar. O contexto são aspectos da sociedade brasileira das décadas de 1960-70-80 concernentes à política, à cultura, especificamente a canção que dialogou com o governo militar de então.

A *canção engajada nacionalista* e o contexto sócio-histórico integram-se e se auto-revelam. Essa canção é um tipo de texto que se constitui na interação (e colaboração) de compositor, policial militar, público, intérprete, governo, produtor musical, rede de televisão, arranjador, censor. Especificamente quanto ao contexto ditatorial, embora o *governo* tivesse como uma de suas ações camuflar esse contexto (aliás, o próprio contexto), ainda é possível identificá-lo como fator de construção da canção de esquerda, principalmente porque esse tipo de texto é indissociável da ditadura/censura.

Devemos evidenciar que o vocábulo *governo* é empregado aqui de modo genérico, entendendo-o como o grupo constituído pelos políticos que lideraram a ditadura militar sobretudo nas décadas de 1960-70, censores, policiais militares, independente de sua posição hierárquica, e, ainda, os políticos que lideraram o movimento “Diretas Já” e/ou que governaram o Brasil após o regime ditatorial.

O governo como objeto de discurso

Para refletir sobre a introdução de referentes no texto, assumimos a língua como entidade heterogênea, variável, dinâmica, constituída histórica e socialmente na interação dos indivíduos, de modo que o uso particular das palavras em cada situação/texto é determinante na construção de sentido, o qual é entendido como dependente do contexto sócio-histórico, do trabalho cognitivo e da coletividade dos interlocutores. Portanto, assumimos aqui concepção sociointeracionista de língua, apoiando-se em Bakhtin/ Voloshinov (1992).

Ao assumir essa concepção, negamos a língua como espelho do mundo empírico ou as palavras como etiquetas das coisas/objetos, negamos uma relação apriorística entre palavra e mundo. Pelo contrário, entendemos que a língua e o sentido concretizam-se apenas tex-

tualmente, sem descartar, contudo, do processo textual, o mundo, porque a experiência que os indivíduos têm com a realidade é o ponto de partida para a produção de texto. Além disso, o texto e o mundo interrelacionam, dialogam constantemente, integram-se. O texto é parte constituinte das relações sociais travadas pelos indivíduos, e delas dependente.

Essa breve exposição sobre língua e texto ocorre com o intuito de apresentar o referente como construção textual. Para tanto nos orientamos pelo trabalho de Mondada e Dubois (1995, p.276), para quem

a referenciação não diz respeito a uma “relação de representação de coisas, ou estados de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não lingüística da prática na qual ele é produzido e interpretado” (RASTIER, 1994, p.19). Essas práticas não são atribuíveis a um sujeito cognitivo, abstrato, racional, intencional e ideal, solitário frente ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

O conceito de referenciação implica considerar o texto como espaço de construção de referentes, mediante a interação entre os indivíduos em comunicação e mediante a interação desses indivíduos com o mundo, com o contexto sócio-histórico. Mondada e Dubois denominam os referentes como *objetos de discurso* ao postularem que os objetos têm uma existência estabelecida no âmbito do texto. Isto é, *referir* é um processo coletivo, interacional e localizado que se dá textualmente. E ainda, conforme Koch (2002, p.84), “*referir* é uma atividade realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo”.

Os objetos de discurso não são compreendidos como entidades que, uma vez inseridas no texto, cristalizam-se, mas sim como entidades dinâmicas, que, em geral, ao longo do texto são reativadas, revistas, redirecionadas, fragmentadas, enriquecidas por diferentes formas lingüísticas, diferentes fatores contextuais, diferentes pontos de vista. Isto é, o referente é “repensado” e “redefinido” no desenrolar da produção textual, constituindo um processo dinâmico denominado *progressão referencial*: expressão, portanto, correspondente à *referenciação*. Apesar dessa dinamicidade, o foco de nossa reflexão é apenas o modo como o objeto de discurso/referente *governo* é introduzido no texto-canção. Isso porque partimos da hipótese de que o contexto e o diálogo entre compositor e censura estão refletidos na

introdução (ativação) desse referente. Em outras palavras, compositor e censura “negociam” acerca de como fazer referência ao *governo*.

Deve-se ainda ter em conta que a *referenciação* não envolve apenas itens lexicais (ou expressões referenciais) que designam o referente, mas também vários outros elementos integrantes do texto, entre eles as informações cotextuais que circundam a expressão referencial, o contexto sócio-histórico, os aspectos ideológicos dos interlocutores, o conhecimento de mundo, o conceito estereotípico acionado por cada expressão, o conhecimento e uso de língua. Esses elementos interrelacionam de modo a construir objetos de discurso. Trata-se de um processo dependente da atividade cognitiva dos interlocutores, sobretudo porque cada referente é construído de forma bastante particular à dada situação comunicativo-verbal. Elementos que também devem ser reconhecidos para identificação e interpretação referencial de qualquer expressão referencial, quando da análise.

Aspectos metodológicos

Inexiste uma metodologia definida para tratamento da canção. Nesse sentido Moraes (2000, p.209) atenta-se para o fato de que “o uso da canção popular urbana como fonte continua bastante restrito e precário, e aparentemente ainda mantém um *status* de segunda categoria no universo da documentação”. Consoante a essa crítica são as palavras de Napolitano (2002, p.102): “a análise das instâncias e formas de recepção da música popular é um dos grandes desafios atuais da pesquisa histórica”. Desafios que podem ser compreendidos como busca de suprir a precariedade documental, a carência metodológica e a resistência encontrada entre os próprios historiadores.

Para com o problema metodológico eminente, contudo, o que faz Moraes (p.210) é apontar caminhos ao pesquisador: “mesmo não sendo músico ou musicólogo com formação apropriada e específica, o historiador [ou o lingüista] pode compreender aspectos gerais da linguagem musical e criar seus próprios critérios, balizas e limites na manipulação da documentação (como ocorre, por exemplo, com a linguagem cinematográfica, iconográfica e até no tratamento da documentação mais comum)”. Para trabalhar com a canção, portanto, o procedimento metodológico deve ser criado pelo pesquisador, a partir dos aspectos teóricos e dos objetivos que compõem seu projeto de trabalho.

Particularmente neste estudo assumimos a perspectiva de análise sociológica postulada por Bakhtin/Voloshinov (1999, p.11), para quem “a análise sociológica só pode tomar como ponto de partida, naturalmente, a conformação lingüística, puramente verbal, de uma obra, mas ela não deve e não pode se confinar dentro desses limites, como faz a poética lingüística”. Isto é, a abordagem deste estudo não se limita às formas lingüísticas empregadas como estratégia referencial, mas sim, apenas as considera como ponto de partida para identificar a introdução do referente, e outros aspectos constituintes da referenciação, como inferências, informações de outras expressões pontualizadas, informações difusas no cotexto ou oriundas do contexto sócio-histórico, além de aspectos cognitivos ou interacionais entre compositor, ouvinte e governo-censura.

Ao assumirmos a postura de Bakhtin/Voloshinov, dialogamos com vários historiadores (por exemplo, Napolitano) que criticam a perspectiva de análise da Literatura/Poética. Para eles essa perspectiva limita-se aos componentes lingüístico-poéticos da canção: perspectiva formalista, restrita, reducionista, portanto.

Para seleção das canções, nos orientamos por dois critérios: o contexto sócio-histórico (ditadura militar e pós-ditadura) de produção e veiculação das canções, e a presença do referente *governo* em suas letras. Essa seleção ocorreu mediante audição e leitura de CDs (e seus encartes) de compositores/intérpretes inseridos nesse contexto.

Uma breve análise qualitativa

Após “leitura-garimpagem” das vinte canções que integram o *corpus* do presente estudo – das quais apresentaremos parte de oito na seqüência –, identificamos as principais estratégias (formas lingüísticas) empregadas nessas canções para referir-se ao *governo*.

Essas estratégias são as seguintes³:

- a) forma nominal direta:** com essa estratégia o *governo* é designado de modo direto e explícito, dada a carga semântico-referencial que a forma nominal direta possui, de modo que o

³ No desenvolvimento do projeto de que este breve estudo faz parte, outras estratégias poderão ser acrescentadas a esse conjunto, porque, independente da estratégia utilizada, um dos critérios de seleção das canções e de análise é a presença do referente governo.

compositor revela abertamente de quem (e para quem) se fala.

- b) forma pronominal com referente explícito prospectivamente:** nesse caso, embora a forma pronominal não possua carga semântico-referencial própria, há no cotexto prospectivo uma expressão nominal que explicita o referente da forma pronominal.
- c) forma nominal metafórica:** nesse caso, embora a forma nominal possua uma carga semântico-referencial que é reconhecida na interpretação referencial (I.R.), o referente não é designado explicitamente. Devido a tal característica, essa estratégia por certo seja bastante empregada nas canções de esquerda como forma de driblar os censores.
- d) forma pronominal sem referente explícito:** com essa estratégia a I.R. é dependente de informações difusas no cotexto, podendo exigir conhecimento de mundo e do contexto sócio-histórico, porque não há nenhuma forma nominal que explicita o referente.
- e) forma verbal com referente subentendido:** a forma verbal em si não designa o referente *governo*, porque lhe falta, por exemplo, carga semântico-referencial concernente a esse referente. No entanto, ela tem “alojado” em seu significado e em sua desinência o indivíduo referido. É certo que as informações cotextuais à volta da forma verbal são fundamentais à I.D.

Para identificação do referente, além da forma lingüística empregada, recorreremos à perspectiva ideológica, às informações difusas ao longo da canção e às informações contextuais. Esses novos elementos têm peso diverso e contínuo entre as estratégias: de menor a maior peso de “a” a “e”. Além disso, é a partir da forma lingüística e desses elementos que fazemos a I.R. de cada expressão referencial em foco.

Canções do contexto da ditadura:

*Podem me prender / Podem me bater
Podem até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Daqui do morro eu não saio não
(Opinião, Zé Ketj, 1965)*

} *Podem:* Forma verbal com
referente subentendido
I.R.: militares

<p>Hoje <u>você</u> é quem manda Falou, tá falado Não tem discussão [...] Apesar de <u>você</u> Amanhã há de ser / Outro dia (Apesar de você, C.Buarque, 1970)</p>	}	<p><u>você</u>: Forma pronominal sem referente explícito I.R.: governo, censores, militares</p>
<p>Pai, afasta de mim esse <u>cálice</u> [...] De vinho tinto de sangue (Cálice, G.Gil e C.Buarque, 1973)</p>	}	<p><u>esse cálice</u>: Forma nominal metafórica I.R.: ditadura, tortura, repressão</p>
<p><u>Abre</u> alas pra minha folia Já está chegando a hora <u>Abre</u> alas pra minha bandeira Já está chegando a hora <u>Apare</u> <u>teus</u> sonhos Que a vida tem dono Ela vem <u>te</u> cobrar (Abre alas, I.Lins e V.Martins, 1974)</p>	}	<p><u>Abre</u>: Forma verbal com referente subentendido I.R.: governo, censura</p>

Canções do contexto pós-ditadura:

<p>Na virada do século, alvorada voraz nos aguardam <u>exércitos</u> que nos <u>guardam</u> da paz, que paz ? [...] <u>Juram</u> que não torturam ninguém <u>agem</u> assim pro seu próprio bem (Alvorada voraz, P.Ricardo, L.Schiavon e P.Pagni, 1985)</p>	}	<p><u>exércitos</u>: Forma nominal direta I.R.: policiais militares</p>
<p>A <u>polícia</u> apresenta suas armas Escudos transparentes, cacetetes [...] O <u>governo</u> apresenta suas armas Discurso reticente, novidade inconsciente (Selvagem, H.Vianna, Bi Ribeiro e J.Barone, 1986).</p>	}	<p><u>a polícia</u>: Forma nominal direta I.R.: policiais militares</p>
<p>Nas favelas, <u>no senado</u> Sujeira prá todo lado <u>Ninguém</u> respeita a constituição Mas <u>todos</u> acreditam no futuro da nação (Que País É Este, R.Russo, 1987)</p>	}	<p><u>no senado</u>: Forma nominal direta I.R.: governo, políticos</p>
<p>Meus heróis morreram de overdose <u>Meus inimigos</u> estão no poder Ideologia / Eu quero uma pra viver (Ideologia, Frejat e Cazuza, 1988)</p>	}	<p><u>Meus inimigos</u>: Forma nominal direta I.R.: governo, políticos</p>

Considerações finais

Nota-se que nas canções de esquerda dos anos 1960-70 há preferência por estratégias que implicam o referente *governo*, devido ao “não-falar” orientado pelo contexto ditatorial, enquanto que, nas canções de *rock* dos anos 80, há preferência pela estratégia (forma nominal direta) que explicita o referente, devido ao “falar” orientado pelo contexto pós-ditatorial.

Quanto à hipótese de que cada tipo de texto tem estratégias/formas de referência preferenciais para designar e construir o referente, na canção dos anos 1960-70, há preferência por estratégias que introduzem o referente implicitamente, enquanto, no *rock* dos anos 1980, a estratégia preferencial designa o referente explicitamente. Isso mostra relação preferencial não só entre estratégia e tipo de texto, mas também entre estratégia e contexto. Além disso, reitera os postulados bakhtinianos de que há relação direta entre tipo de texto e contexto social.

Embora a reativação do referente não integre a discussão deste estudo, observamos que, no primeiro grupo de canções, quando a reativação ocorre, o referente se mantém implícito, enquanto que, no segundo grupo, sua ocorrência em geral ativa novas propriedades/atributos do referente *governo*. Essas novas propriedades são inseridas no texto não apenas mediante a nova forma lingüística empregada, mas também mediante as informações cotextuais que circundam cada forma. Prova de que essas informações são indispensáveis é o caso de reativação por repetição da forma lingüística que introduziu o referente.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail M./VOLOSHINOV, V. N. [1929]. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992, 200 p.
- _____. [1926]. Discurso na vida e discurso na arte - sobre poética sociológica. Tradução não publicada de C. A. Faraco e C. Tezza, 1999.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002, 168 p.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. *Construction des objets de discours et categorisation: une approche des processus de*

référenciation. In: Berrendonner, A.; M-J Reichler-Béguelin (eds). *TRANEL*, 23, 1995, p.273-302.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro*. In: Colóquio Internacional - A Investigação do Português em África, Ásia, América e Europa: Balanço e Perspectivas, Berlin. Trabalho não publicado, 1998.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *História e música: canção popular e conhecimento histórico*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.20, n.39, 2000, p.203-221.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música – História cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, 120 p.